

OFÍDIOS DA AMAZÔNIA. XXII. REVALIDAÇÃO
E REDESCRIÇÃO DE *MICRURUS ALBICINCTUS*
AMARAL, DE RONDÔNIA, E SOBRE A
VALIDADE DE *MICRURUS WAEHNERORUM*
MEISE, DO AMAZONAS (OPHIDIA: ELAPIDAE)

Oswaldo Rodrigues da Cunha¹
Francisco Paiva do Nascimento¹

RESUMO — Revalidação e redescrição de *Micrurus albicinctus* Amaral, 1925, espécie mal conhecida do Estado de Rondônia, recentemente colocada na sinonímia de *Micrurus ornatissimus* (Jan, 1858) por Cunha & Nascimento (1982). Serviram de base para o estudo 13 espécimes (♂ e ♀) provenientes da área da Usina Hidrelétrica de Samuel no rio Jamari, coletados pelas equipes de resgate da ELETRONORTE e Universidade Católica de Goiás, no período de novembro de 1988 a março de 1989. Em seqüência é feita uma análise do "status" presente de *Micrurus waehtnerorum* Meise, 1938, concluindo-se que esta designação é uma espécie boa e válida, distinta de *M. albicinctus*, *M. ornatissimus*, *M. langsdorffi* e de *M. mipartitus*.

PALAVRAS-CHAVE: Ophidia, Elaphidae. *Micrurus albicinctus*, *Micrurus waehtnerorum*.

ABSTRACT — *Micrurus albicinctus* Amaral 1925, a poorly known coral snake species from the Brazilian State of Rondônia, recently placed in synonymy with *Micrurus ornatissimus* (Jan, 1858) by Cunha & Nascimento (1982) is revalidated and redescribed. For this study we used 13 specimens, representing both sexes, from the Samuel Hydroelectric Project on the Jamari River, that were collected by animal rescue teams of ELETRONORTE and by the Universidade Católica de Goiás, from November, 1988, to March, 1989. An evaluation is also made of the status of *Micrurus waehtnerorum*

¹ SCT/CNPq/Museu Paraense Emílio Goeldi — Dept.º de Zoologia, Caixa Postal 399, CEP 66.040. Belém-PA.

Meise, 1938, which is recognized as a valid species, distinct from *M. albicinctus*, *M. ornatissimus*, *M. langsdorffi* and *M. mipartitus*.

KEY WORDS: Ophidia, Elaphidae, *Micrurus albicinctus*, *Micrurus waehnerorum*.

INTRODUÇÃO

Micrurus albicinctus foi considerada espécie problemática, depois que Amaral (1925) a descreveu baseada apenas em um indivíduo, proveniente do norte do antigo Estado de Mato Grosso, atualmente território do Estado de Rondônia. O espécime rotulado sob o n° 376, conservado na seção de Herpetologia do Museu Nacional de História Natural do Rio de Janeiro, apresenta-se perfeito no aspecto morfológico, embora bastante envelhecido pelo tempo e pelo líquido conservador. Por isso mereceu pouca atenção e foi confundida com outras *Micrurus* de áreas circunvizinhas da Bolívia, Peru e mesmo da Amazônia brasileira. *M. albicinctus* tendia a ser considerada como indivíduo portador de intenso melanismo, ao ponto de comprometer totalmente os anéis vermelhos, se porventura os possuísse. Em verdade é uma forma com anéis largos completamente negros, separados por estreitas cintas brancas dorso-laterais.

Amaral (1929) em sua primeira "Lista Remissiva dos Ofídios do Brasil", confirmou a existência de *M. albicinctus* e manteve Mato Grosso como procedência original. Registrou ainda que no Museu de Viena (Áustria) existiam dois exemplares procedentes de "S. Paulo de Olivença, Bahia, Brasil". Deve ter havido equívoco de Amaral, quanto a localidade São Paulo de Olivença situada na Bahia, porquanto essa cidade, como se sabe, encontra-se no Estado do Amazonas, à margem do rio Solimões, (mapa) próximo à fronteira Colômbia-Peru. E mais ainda, os tais espécimes de São Paulo de Olivença, possivelmente não se encontravam em Viena, mas no Museu de Zoologia de Dresden, Alemanha, mais tarde descrito como *M. waehnerorum*, por Meise. Mesmo recentemente Amaral (1978) incorreu nesse equívoco sem qualquer justificativa. Roze (1967) na lista dos "Elapídeos Neotropicais" mantém *M. albicinctus* como espécie distinta e registra a localidade-tipo "Northern and Central Mato Grosso". Por outro lado, inclui *M. waehnerorum* Meise 1938, como sinônima de *albicinctus* e ainda referindo a localidade-tipo São Paulo de Olivença, Brasil, sem indicação de Estado, o que insinua dúvida. Hoge & Romano (1972), entretanto, referem que o espécime tipo de *albicinctus* devia provir "das matas amazônicas, do extremo noroeste de Mato Grosso e Rondônia", enquanto para *waehnerorum* indicam a procedência correta como sendo S. Paulo de Olivença, rio Amazonas (Solimões). Essas assertivas são mantidas pelos autores (1978/79), na "Sinopse das Serpentes Peçonhentas do Brasil". Por fim, Roze (1970, 1982) não altera as informações sucintas das que dissera no trabalho de 1967.

Amaral (1925, 1978) ilustra *M. albicinctus* com a fotografia do tipo e Hoge & Romano (1972, 1978/79) com desenho mais estilizado, um pouco alterado do que se acha no exemplar vivo.

Recentemente Cunha & Nascimento (1982) decidiram que *M. albicinctus* devia ser sinônimo de *M. ornatissimus* (Jan, 1858). Para chegar a essa conclu-

são, um dos autores (Cunha) examinou o tipo de *albicinctus*, em novembro de 1981 e em maio de 1982, cujo resultado nos levou a admitir aquele "status". Entretanto, nessa ocasião, houve equívoco nosso, pois partimos do pressuposto de que *albicinctus* indicava ser um indivíduo melânico da espécie *ornatissimus*. Na realidade *albicinctus* é válida (figura 1a e 1b) e bem distinta de *ornatissimus*, tanto no padrão de colorido como nos dados merísticos. Como resultado da presente pesquisa, concluímos que não se trata de melanismo, mas de um caráter específico, bem definido, agora melhor avaliado após tantos anos da descrição feita por Amaral (1925) e do nosso equívoco.

Assim, a procedência dada por Amaral é bastante próxima do real, porque na época Rondônia fazia parte do Estado de Mato Grosso, na ocasião em que a Comissão de Linhas Telegráficas, chefiada pelo Marechal Cândido da Silva Rondon explorava aquela região.

De acordo com as coletas até agora realizadas, *M. albicinctus* parece apresentar distribuição geográfica aparentemente restrita ao Estado de Rondônia, mas possivelmente poderá ocorrer em áreas circunvizinhas do Estado do Amazonas e também da Bolívia. Por outro lado, *M. waehnerorum* originária de S. Paulo de Olivença no rio Solimões, não é sinônimo de *albicinctus*, porém com mais certeza uma espécie boa e distinta, sobre a qual faremos uma abordagem específica mais adiante.

Foram examinados 13 exemplares de *M. albicinctus* (10 ♂ e 3 ♀) capturados na área da Usina Hidrelétrica de Samuel, rio Jamari, Rondônia, entre novembro de 1988 e março de 1989, durante o resgate de animais, às proximidades de Porto Velho.

Micrurus albicinctus Amaral

Micrurus albicinctus Amaral, 1925. Localidade-tipo: Norte de Mato Grosso (hoje Estado de Rondônia): Amaral, 1930a 1930b, 1937, 1978; Roze, 1967; Roze (in Peters & Orejas-Miranda, 1970), 1982; Hoge & Romano, 1971, 1972, 1978/79. *Micrurus ornatissimus*; Cunha & Nascimento, 1982.

DIAGNOSE — Rostral mais largo que alto; internasal mais largo que longo, pré-frontal um pouco mais largo que longo; nasal dividido; pré-ocular pentagonal e contíguo ao nasal posterior; 2 postoculares; temporais 1+1; 7/7 supralabiais, 1° e 2° em contato com os nasais, 3° e 4° tocando a órbita; 7/7 infralabiais, 4 em contato com o par de mental anterior; sinfiscal separado do primeiro par de mental pelo primeiro par de infralabial. Escamas dorsais 15; ventrais 189 a 201 nos machos e 209 a 217 nas fêmeas; anal inteira; subcaudais 44/44 a 48/48 nos machos e 32/32 a 33/33 nas fêmeas. Hemipênis bifurcado.

O padrão cromático nessa espécie é bastante conspícuo, se diferenciando de todas as *Micrurus* sul-americanas, por constituir-se de elevado número de anéis negros com ausência total de tons vermelhos, apenas separados por estreitas cintas brancas que variam de 60 a 81 no corpo e 6 a 17 na cauda, abrangendo somente uma escama ou uma parte dela, dispostas intercaladamente e nem sempre ordenadamente, geralmente interrompidas. Os anéis negros abarcam o

dorso e lados totalmente, mas, muitos não se completam na região ventral, os quais podem alargar-se além do normal, aglutinando-se às vezes dois anéis na porção mediana ou lateral; as cintas brancas em parte completas, mas também incompletas e às vezes irregulares, alongam-se e bruscamente tornam-se afiladas; outras vezes apenas pequenas manchas brancas subarredondadas, quadrangulares, cobrindo porções de duas escamas. Os anéis negros caudais nem sempre completos, enquanto as cintas brancas apresentam-se irregularmente completas e geralmente em pares, de contornos irregulares. Na cabeça uma cinta branca muito estreita que cobre a porção posterior dos occipitais, ao passo que na parte inferior alarga-se abrangendo os infralabiais e gulares posteriores; às vezes uma mancha branca nos gulares anteriores. Na porção superior da cabeça normalmente 4 pontos brancos maiores nos pré-frontais e nos supraoculares. Uma linha de pequenas manchas brancas na parte posterior do interparietal e postoculares, por trás do olho, do 5º ao 7º supralabiais e no 6º e 7º infralabiais. O espaço negro entre as faixas brancas é formado em geral por 2 a 4 escamas na região do pescoço, 2 a 3 no meio do corpo e cauda, com predominância de 3 escamas por espaço; as mesmas faixas ventrais da causa são mais largas, ocupando duas gastrostegas, às vezes completas, às vezes incompletas.

CONCLUSÃO

A espécie *M. albicinctus*, embora com características próprias, apresenta aparente aproximação com *M. ornatissimus* e *M. waehnerorum* e outras espécies possuidoras de muitos anéis no corpo que separam os negros e vermelhos em seqüência, sem tríades. Entretanto, *albicinctus* distingue-se delas nitidamente por não apresentar anéis vermelhos ou cintas amarelas, apenas predominando o tom negro e branco, através de anéis e cintas em número elevado, conforme a diagnose mostrada. O exemplar tipo ♂, descrito por Amaral (1925), possui os seguintes caracteres principais; 15 dorsais; 198 ventrais; 48/48 caudais e 81 cintas brancas; 569mm de comprimento corpo/cauda. Estes dados ajustam-se perfeitamente à diagnose dos 13 indivíduos examinados agora. Amaral (1978) afirma: "Por seu colorido, *M. albicinctus* aproxima-se de *M. mipartitus*, que ocorrendo em regiões vizinhas e ao N. O. do (sic) Brasil, foi por nós redescrita em 1926 (in Proc. New Engl. Zool. Club. 9)". De acordo com Roze (1982), *M. mipartitus* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854) contém apenas quatro subespécies: *M. m. mipartitus* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854), *M. m. anomalus* (Boulenger, 1869), *M. m. decussatus* (Duméril, Bibron & Duméril, 1854) e *M. m. semipartitus* (Jan, 1858), embora no caso as mais aproximadas seriam *anomalus* e *decussatus*, a primeira ocorrendo nas montanhas de Santa Marta na Colômbia e no oeste da Venezuela, e a segunda nas regiões ocidentais e centrais dos Andes e na parte sul dos Andes orientais da Colômbia e ocidental do Equador e talvez Peru. Mas ao que nos parece tais aproximações ou semelhanças, tanto com *ornatissimus* quanto com *mipartitus* e *waehnerorum* são distantes e possivelmente remotas. *M. albicinctus* é distinta, característica e até *sui-generis*.

Outro aspecto que sempre suscitou dúvida, desde 1925, foi a real procedência do espécime tipo no território do antigo Estado de Mato Grosso e con-

seqüentemente sua distribuição geográfica. O coletor do espécime da famosa Comissão Rondon não definiu na época o local certo onde o tal indivíduo foi apanhado. Amaral por sua vez não se preocupou em eliminar a dúvida, porquanto as explorações do General Rondon e de sua equipe devem ter passado na região de Mato Grosso, atualmente área do Estado de Rondônia, no começo dos anos 10. Todo material coletado pela Comissão (fauna, flora, rochas e peças indígenas) eram enviadas para o Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde aguardavam o estudo dos especialistas.

Com a recente coleta de maior número de exemplares de *M. albicinctus* e também indivíduos de outras espécies de ofídios e lagartos (1988/89), durante a enchente do lago da Hidrelétrica de Samuel no rio Jamari, em Rondônia, foi possível fixar a região de ocorrência dessa espécie de *Micrurus* e deste fato definir de modo mais claro a sua possível área de distribuição, ao que tudo indica bastante restrita, abrangendo, como já referimos antes, possivelmente territórios circunvizinhos do Estado do Amazonas, Mato Grosso, Acre e, de certo modo, Bolívia.

A maioria dos exemplares acha-se conservada no Centro de Estudos de Animais Peçonhentos da Universidade Católica de Goiás, sob a coordenação do Prof. Nelson Jorge. Dos 13 indivíduos aqui estudados dois pertenciam à Herpetologia do Museu Paraense Emílio Goeldi. Em agosto de 1989, o professor Nelson Jorge trouxe 11 espécimes ao Museu Emílio Goeldi a título de empréstimo, dos quais 3 doou a esta Instituição.

Micrurus waehnerorum Meise

Micrurus waehnerorum Meise, 1938. Localidade-tipo: S. Paulo de Olivença, Rio Solimões (Amazonas), Brasil.

Micrurus albicinctus; Amaral, 1930a, 1930b, 1937; Roze, 1967; Roze (in Peters & Orejas-Miranda, 1970), 1982; Hoge & Romano, 1971, 1972, 1978/79; *Micrurus ornatissimus*; Cunha & Nascimento, 1982; Vanzolini, 1986.

Micrurus waehnerorum descrita por Meise (1938) mostrou a mesma trajetória de *M. albicinctus*, isto é, duvidosa e de aparente dificuldade para situá-la entre as espécies de *Micrurus* do Brasil, em particular da Amazônia. Tanto Amaral em sua primeira e segunda "Listas Remissivas dos Ofídios do Brasil" (1929a, 1935/36), Hoge & Romano na primeira lista e nas duas "Sinopse das Serpentes Peçonhentas do Brasil" (1971, 1972 e 1978/79) como mais recentemente Roze (1967, 1970, 1982), incorreram no mesmo equívoco de considerarem *waehnerorum* sinônima de *albicinctus*. Erro também seguido em Cunha & Nascimento (1982), mas com a espécie *ornatissimus*. Nenhum desses autores entendeu a descrição que Meise (1938) fez a *M. waehnerorum* em alemão, e muito menos examinaram, ao que parece, os quatro exemplares conservados no Museu de Zoologia de Dresden (Museum für Tierkunde), Alemanha. É possível que esses espécimes nem existam mais, tendo em vista a grande destruição ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em particular na região onde se encontra essa cidade, atualmente na Alemanha Oriental. Analisando mais detida-

mente a descrição de *waehnerorum*, chegamos à conclusão de que esta nos parece válida e distinta em relação às outras espécies de *Micrurus* que ocorrem na Amazônia brasileira ocidental e áreas vizinhas. A descrição de Meise é sucinta demais, leva em consideração caracteres de pouca valia taxonômica, enquanto restringe aqueles mais distintivos, como o padrão de cromatismo sem detalhes, deixando de levar em conta o dimorfismo sexual. Pior ainda, não identifica a espécie com qualquer foto ou desenho, a fim de elucidar as dúvidas sobre o colorido dos anéis e cintas do corpo e cauda. Aceitando-se a descrição de Meise como está, anotamos os seguintes principais caracteres: em linhas gerais *M. waehnerorum* apresenta 1 pré, 2 postoculares, 1+1 temporais; ventrais ♂ 202 a 205, ♀ 212 a 218; caudais ♂ 46/46, ♀ 40/40. O padrão cromático apresenta-se negro na cabeça e na parte dorso-lateral do corpo e cauda; ausência de anéis vermelhos, apenas faixas negras separadas por estreitas cintas brancas que vão de 81 a 90 no corpo (possivelmente 40 a 45 ou 50 faixas negras); região ventral com bandas negras mais largas que as dorsais, entre as quais, largas faixas vermelhas, cobrindo até 3 gastrostegas, separadas por estreitas cintas negras; ausência de cintas brancas; cauda com faixas brancas pares, predominantes, que vão de 8 a 12 (mais elevadas nos machos); ausência de faixas vermelhas. Comprimento 500 a 600mm (na descrição original acha-se um exemplar jovem ♀ com 300mm).

Concluimos que *M. waehnerorum* não tem relação alguma com *M. albicinctus*. Pode apresentar aproximação, porém remota, com *M. langsdorffi* e *ornatissimus*. Na realidade qualquer relação com essas duas espécies nos parece quase nenhuma, pois tanto *langsdorffi* quanto *ornatissimus* possuem faixas vermelhas dorso-laterais e a cabeça só na parte superior é negra; por outro lado, *langsdorffi* não apresenta faixa negra na região ventral, apenas vermelha cobrindo até duas gastrostegas, embora também apresente cintas brancas no ventre; *ornatissimus* apresenta faixas negras e vermelhas na face ventral com cintas brancas separando aquelas faixas. Quanto a *M. mipartitus* ou suas subespécies, qualquer aproximação com *M. waehnerorum* é também pouco provável, *M. mipartitus* apresenta uma larga faixa vermelha na cabeça de lado a lado e as cintas que separam as faixas negras são amarelas e brancas; nessa espécie não existem faixas vermelhas no corpo. Além disso, a distribuição geográfica das subespécies de *M. mipartitus* encontra-se no momento apenas na periferia da Amazônia brasileira e países circunvizinhos. *Micrurus waehnerorum* Meise, 1938, é espécie válida e distinta, sua distribuição geográfica parece restrita a Amazônia brasileira ocidental, embora até hoje não tenhamos conhecimento de novas coletas naquela área ou proximidades.

MATERIAL EXAMINADO — *Micrurus albicinctus*, MPEG, n.ºs. 17.927, ♂; 18.133, ♂; 18.137, ♂; 18.138, ♂; 18.139, ♀; área da Usina Hidrelétrica de Samuel, (UHE) rio Jamari, Porto Velho, Rondônia, capturada durante o resgate entre novembro de 1988 e março de 1989. *Universidade Católica de Goiás*, (UCG), n.ºs. de campo, 2.230, ♂; 2.800, ♀; 3.207, ♂; 3.147, ♀; 3.252, ♂; 3.254, ♂; 3.266, ♂; exemplares capturados também durante o resgate na área da UHE-Samuel, no período de novembro de 1988 a março de 1989. Os exemplares da UCG ainda não receberam número de coleção na referida instituição.



Figura 1 — *Micrurus albicinctus* Amaral. MPEG, N.º 18139, ♀. a) Aspecto dorsal; b) Aspecto ventral.

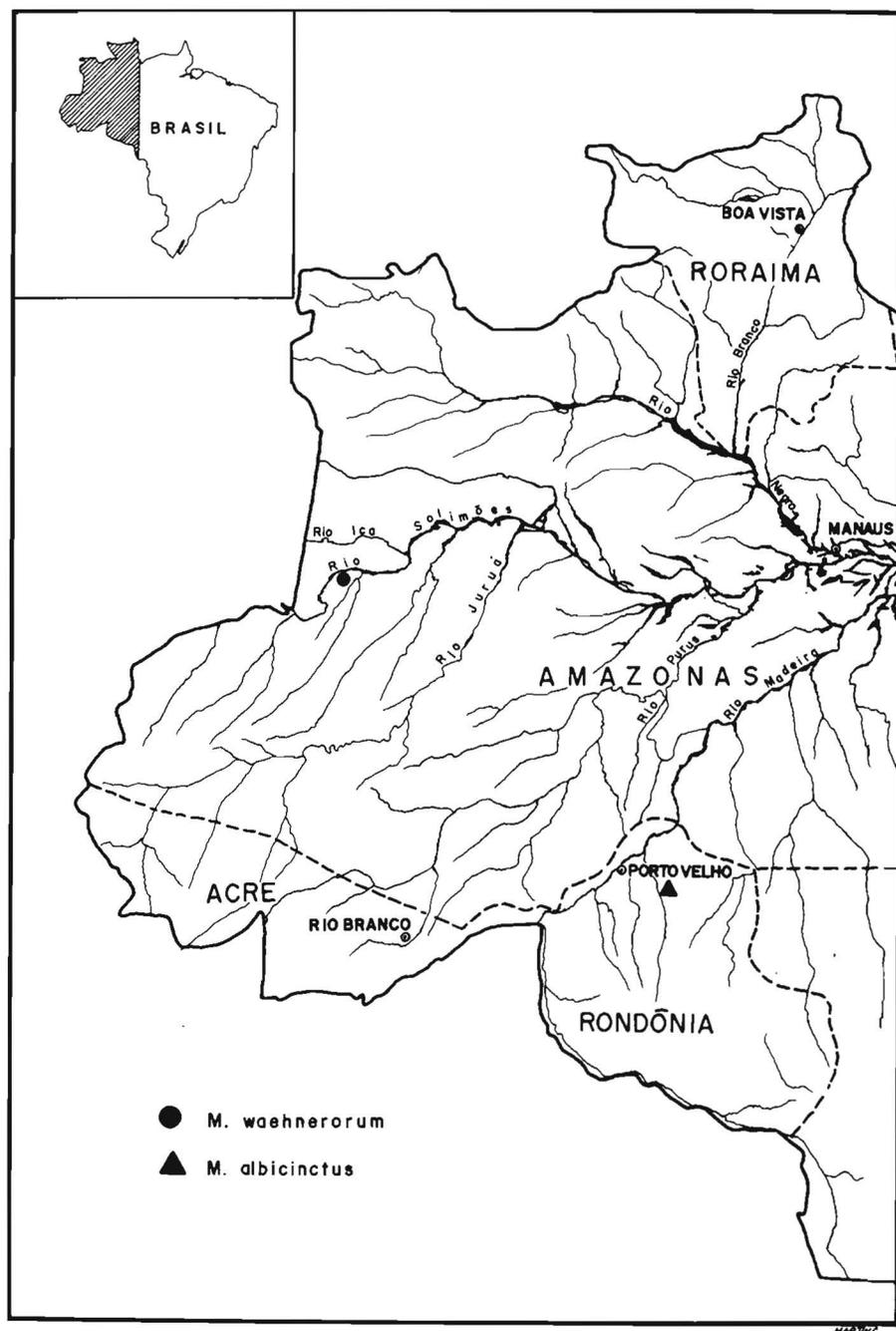


Figura 2 — Mapa das áreas de coleta de *Micrurus albicinctus* e *waehnerorum*.

AGRADECIMENTOS

Os autores ficam gratos ao Professor Néelson Jorge da Silva Jr., Coordenador do Centro de Estudos de Animais Peçonhentos da Universidade Católica de Goiás, pela doação de 3 exemplares de *M. albicinctus* à Herpetologia do Museu Paraense Emílio Goeldi e empréstimo de mais 8 indivíduos, a fim de que este trabalho se tornasse o mais completo possível; à ELETRONORTE, pela doação de dois exemplares da espécie estudada e também por outros de ofícios e lagartos igualmente obtidos na área da Hidrelétrica de Samuel; ao Entomólogo do Museu Goeldi, Dr. William Overal, pela versão do sumário em inglês; ao desenhista Antônio Martins, pela confecção do mapa; ao auxiliar técnico Reginaldo Augusto Trindade Rocha, pela datilografia do manuscrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, A. 1925. História natural, Zoologia; Ofídios de Mato Grosso (Contribuição II para o conhecimento dos ofídios do Brasil). São Paulo, Melhoramentos. 29p. il. (Publicação 84, Anexo 5. Comissão de Linhas Telegráficas, Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas).
- AMARAL, A. 1926. Studies of neotropical ophidia II. On *Micrurus mipartitus* and allied forms. *Proc. New Engl. Zool. Club.* London, 9: 61-66.
- AMARAL, A. 1929a. Contribuição ao conhecimento dos Ophídios do Brasil, IV. Lista Remissiva dos Ophídios do Brasil. *Mem. Inst. Butantan.* São Paulo, 4: 71-125.
- AMARAL, A. 1929b. Estudos sobre Ophídios Neotropicos. XVIII. Lista Remissiva dos Ophídios da região neotropical. *Mem. Inst. Butantan.* São Paulo, 4: 129-271.
- AMARAL, A. 1935/1936. Contribuição ao conhecimento dos Ophídios do Brasil, VIII. Lista Remissiva dos Ophídios do Brasil. 2 ed. *Mem. Inst. Butantan.* São Paulo, 10: 87-162, il.
- AMARAL, A. 1978. *Serpentes do Brasil; Iconografia Colorida.* São Paulo, Melhoramentos/USP, 246 p., il.
- CUNHA, O. R. & NASCIMENTO, F. P. 1982. Ofídios da Amazônia XVII — Revalidação de *Micrurus ornatissimus* (Jan, 1858) diferenciada de *M. langsdorffi* (Wagler, 1824) e distribuição geográfica das duas espécies (Ophidia: Elapidae). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Nova Sér. Zool.*, Belém, (116): 1-17, il.
- HOGUE, A. R. & ROMANO, S. A. W. D. L. 1971. Neotropical Pit Vipers Sea Snakes and Coral Snakes. In: BÜCHERL, W. & BUCKLEY, E. *Venomous animals and their Venoms.* New York, Academic Press. v. 2, p. 211-293, il.
- HOGUE, A. R. & ROMANO, S. A. 1972. Sinopse das Serpentes Peçonhentas do Brasil. Serpentes Elapidae e Viperidae. *Mem. Inst. Butantan.* São Paulo, 36: 109-207, il.
- HOGUE, A. R. & ROMANO, A. 1978/79. Sinopse das Serpentes Peçonhentas do Brasil. (2 ed.). *Mem. Inst. Butantan.* São Paulo, 42/43: 373-497. il.
- MEISE, W. 1938. Eine neue Korallenschlange aus dem Amazonasgebiet. *Zool. Anz.*, 123: 20-22.
- ROZE, J. A. 1967. A Check list of the new world venomous coral snakes (Elapidae), with descriptions of new forms. *Am. Mus. Novit.* New York, (2287): 1-60, il.

- ROZE, J. A. 1970. *Micrurus* Wagler. In: PETERS, A. & OREJAS-MIRANDA, Braulio. Catalogue of the Neotropical Squamata. Snakes, *Bull. U.S. natn. Mus.*, Washington, 297, part 1; 196-220, il.
- ROZE, J. A. 1982. New world coral snakes (Elapidae): A taxonomic and biological Summary. *Mem. Inst. Butantan*. São Paulo, 46: 305-338.
- VANZOLINI, P. E. 1978. *An annotated bibliography of the land and fresh water Reptiles of South America (1758-1975)*. V. 2 (1901-1975). São Paulo, Museu de Zoologia/USP, 316 p.
- VANZOLINI, P. E. 1986. Addenda and corrigenda to the catalogue of Neotropical Squamata. *Smithson. Herpetol. Inf. Serv.* Washington. (70): 1-25.

Recebido em 10.10.89
Aprovado em 28.05.90

CDD: 598.120981152

AMOSTRAS DE POPULAÇÃO DE *BOTHROPS ATROX* (LINNAEUS 1758) APRECIADAS NAS QUANTIDADES DE VENENO OBTIDAS E DADOS ECOLÓGICOS (SERPENTES: VIPERIDAE: CROTALINAE)¹

Hélio Emerson Belluomini²
Persio De Biasi³
Giuseppe Puorto³
Wilson Fernandes³
Antônio L. Domingues

RESUMO — Amostras de uma população da serpente *Bothrops atrox* (Linnaeus 1758), num total de 294 exemplares, são apresentadas e discutidas segundo o sexo das serpentes, as quantidades de veneno seco obtidas pelo comprimento das serpentes e sexo; quantidades de veneno seco em seus valores máximo e mínimo nas diferentes amostras; resumo para machos e fêmeas dos valores extremos de comprimento e peso. São apresentados dados ecológicos das serpentes na localidade de coleta, Curral Grande, Monte Alegre, Pará, Brasil.

Conclui-se pela predominância de exemplares machos nas amostras; 94,5% das serpentes têm entre 60 e 105cm de comprimento; pequenos lagartos são o alimento predominante; serpentes com até 60cm de comprimento produziram até 20mg de veneno seco. Quantidades de até 100mg de veneno foram obtidas de 94,9% dos exemplares.

Destaca-se que dados da literatura para *B. atrox* podem pertencer a *Bothrops moojeni* Hoge 1966, antes do desdobramento das espécies.

PALAVRAS-CHAVE: Reptilia, Serpentes, Viperidae, Crotalinae, *Bothrops atrox*.

¹ Trabalho apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Medicina Tropical, Manaus, AM, 1988.

² FUNDACENTRO.

³ Instituto Butantan, Av. Brasil, São Paulo, SP.